

Ciência Humanas

Revista Brasileira de

ISSN 3085-8178

vol. 2, n. 2, 2026

... ARTIGO 8

Data de Aceite: 20/02/2026

O ESQUECIMENTO INTELECTUAL DE ÁLVARO VIEIRA PINTO E SUA RELEVÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Adão Lourenço

Lays Regina

Prof^a. Orientadora Dra.



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: Este artigo investiga as razões históricas, políticas e epistemológicas que tentam explicar as razões centrais do esquecimento intelectual do Filósofo Álvaro Vieira Pinto após a redemocratização brasileira e discute as consequências desse apagamento para a educação e para o desenvolvimento emancipatório e soberano brasileiro. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e dialética, analisam-se os contextos social e político, anterior ao golpe militar de 1964 e posterior com a volta da democracia, a partir de 1985. Assim, busca-se fazer um retrospecto do período de atuação de Vieira Pinto no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), o impacto, antes e posterior ao período da ditadura militar, a falta de circulação acadêmica e a dependência teórica das universidades brasileiras, que privilegia mais os estudos de pesadores eurocêntricos do que brasileiros. Também são examinadas as principais contribuições do autor e o resgate de seu pensamento e de suas obras para a compreensão da realidade atual, a emancipação nacional, o desenvolvimento de uma consciência crítica, o contexto de alienação atual e a busca por uma educação emancipadora. Analisa-se, com isso, que o esquecimento de Vieira Pinto representa uma perda teórica significativa e que seu resgate recente é essencial para fortalecer um projeto educacional voltado à emancipação e à soberania nacional.

Palavras-chave: Álvaro Vieira Pinto, Esquecimento Intelectual, Contribuições do Autor, Alienação, Resgate de Obras, Educação Emancipadora.

INTRODUÇÃO

O esquecimento intelectual de Álvaro Vieira Pinto após a redemocratização do

país é um dos fenômenos mais intrigantes da história das ideias filosóficas, culturais, científicas e educacionais no Brasil. Apesar de ser um dos mais densos e originais filósofos brasileiros, sua presença permanece reduzida nas universidades e praticamente inexistente para o grande público brasileiro. Como afirma Saviani (2013), “Vieira Pinto é um gigante do pensamento social brasileiro cujo eclipse não se explica pela qualidade de sua obra, mas pelo contexto histórico-político que a silenciou”. Silveira (2024) aponta, também que “Vieira Pinto é um desconhecido singular nas universidades do Brasil”; e, argumenta que a vida acadêmica é precisamente uma atividade permanente de abandono dos intelectuais revolucionários profundamente vinculados à emancipação nacional. (Silveira, 2024, p. 9).

Para Fáveri (2019), o apagamento de Vieira Pinto representa uma perda profunda para várias áreas do conhecimento no Brasil. A educação, por exemplo, ficou privada de categorias fundamentais para pensar a relação entre técnica, soberania e emancipação; a sociologia, sem uma análise estrutural autóctone do subdesenvolvimento; e a ciência e tecnologia, sem uma reflexão crítica sobre dependência e autonomia. Conforme Fáveri, retomar a obra de Vieira Pinto significa pôr à disposição das novas gerações as categorias conceituais necessárias para enfrentar desafios contemporâneos, como a dependência tecnológica, subdesenvolvimento, alienação cultural, desigualdades e fragilidade da consciência crítica nacional. Nesse sentido, o principal objetivo deste artigo é o de procurar compreender o porquê desse esquecimento de Vieira Pinto, e apagamento como cita Fáveri ocorreu. Quais suas implicações para a educação brasileira e como o resgate recente

de sua obra recoloca sua relevância no debate contemporâneo.

Isso posto, os procedimentos metodológicos que permeiam o artigo orientam-se por um estudo bibliográfico, qualitativo e dialético. Pois como aponta Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica parte de estudos teóricos já concebidos, permitindo ao pesquisador conhecer e abstrair dados sobre o assunto para orientar e fundamentar sua pesquisa. No que tange aos procedimentos qualitativos, busca-se enfatizar o desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias, argumentos e opiniões; focando no entendimento indutivo e interpretativo dos dados descobertos em relação ao problema de pesquisa. Trata-se de um processo de construção do conhecimento com base na interpretação dos dados pesquisados. Brandão, nesse sentido, aponta que:

A pesquisa qualitativa está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa, (Brandão, 2001, p.13).

Na análise dialética, busca-se compreender as contradições na evolução de ideias. Como aponta Da Silva (2009), em que a dialética se constitui em um processo de desenvolvimento, no qual a negação do ser impulsiona seu crescimento. Já para Marconi e Lakatos (2003), o método dialético é uma

forma de abordagem que utiliza a discussão, argumentação e provocação para interpretar fenômenos sociais. A dialética, assim, é uma forma de pesquisa investigativa com base na relação dialógica e histórica, nas antíteses, contradições e paradoxos dos pontos em oposição e no debate permanente. Hegel (2014) e Marx (2011), cujas obras e teorias continuam a impactar e influenciar muitos estudos, aborda a questão da dialética com algumas singularidades. Enquanto Hegel parte dos pressupostos idealistas, Marx, por sua vez, parte do materialismo histórico. A dialética de Hegel, desse modo, ficava no plano; enquanto Marx, buscava adaptar a dialética para o mundo real, na luta de classes.

Álvaro Viera Pinto, ao longo de sua obra, concebia a lógica dialética como forma de oferecer suportes para a compreensão dos conceitos e categorias de seu pensamento. Em *Consciência e Realidade Nacional* (2020, ele afirma explicitamente que a dialética é um método que contribui significativamente para compreender um país como o Brasil, marcado por várias contradições estruturais; em que pensamento filosófico, científico, tecnológico, cultural e educacional devem se propor partir da contradição como dado objetivo da existência nacional e com base na análise da realidade e seus desafios. Assim, é de suma relevância buscar entender como um autor dessa magnitude tem sido esquecido em todo o país, ao longo de décadas, e como tem acontecido o seu resgate através de muitos estudiosos contemporâneos que buscam entender o Brasil e seus grandes desafios sociais, educacionais, culturais, científicos e tecnológicos.

BIOGRAFIA DE ÁLVARO VIEIRA PINTO

Álvaro Borges Vieira Pinto (1909–1987) figura entre um dos mais importantes intelectuais brasileiros do século XX, embora seu reconhecimento público tenha sido restrito por razões políticas, institucionais e epistemológicas, como afirma Dermeval Saviani (2013). Nascido em Campos dos Goytacazes, RJ, em 11 de novembro de 1909, proveniente de uma família de ascendência portuguesa, desenvolveu desde cedo amplo interesse pelas artes e pelas ciências, destacando-se como violinista. Mais tarde, estudante de Medicina, Física, Matemática e Filosofia. Sua formação interdisciplinar ofereceu bases para uma elaboração filosófica que conjugava ciência, técnica, reflexão ontológica e análise histórico-social da realidade latina e brasileira. Em 1949, defendeu sua tese *Ensaio sobre a dinâmica na cosmologia de Platão*, consolidando seu interesse por Filosofia e inaugurando uma obra marcada pela busca de uma compreensão rigorosa da realidade e das contradições brasileiras.

Sua trajetória profissional desenvolveu-se inicialmente na Medicina, atuando como clínico e posteriormente como laboratorista e pesquisador. Entretanto, foi no campo da Filosofia e das Ciências Humanas que produziu suas contribuições mais significativas. A partir de 1939, integrou a Universidade Nacional do Brasil (atual UFRJ), onde assumiu cadeiras de Lógica e História da Filosofia, tornando-se professor catedrático em 1951. No campo intelectual brasileiro, alcançou projeção ao integrar o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), em que foi responsável pelo Departamento de Filosofia, além de se tornar o Diretor principal do Instituto, entre 1961 e

1964. Nesse período, desenvolveu reflexões profundas e fundamentais sobre consciência crítica, desenvolvimento nacional e emancipação dos povos periféricos, dependentes e subdesenvolvidos; reunidas em obras como *Ideologia e Desenvolvimento Nacional* (1956) e *Consciência e Realidade Nacional* (1960). Para Vieira Pinto, a consciência não é uma categoria abstrata, mas um processo histórico e situado, constituído pelas condições concretas em que vivem os sujeitos coletivos: “o ato de consciência é sempre consciência situada” (Vieira Pinto, 1960).

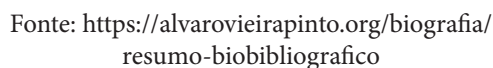
Com o Golpe Militar de 1964, foi interrompido de forma abrupta a sua carreira acadêmica. Cassado, exilou-se na Iugoslávia e posteriormente no Chile, onde lecionou e pesquisou no Centro Latino-Americano de Demografia (CELADE). Nesse período, ampliou sua intensa reflexão sobre ciência, demografia crítica e tecnologia, elaborando manuscritos que só seriam publicados décadas depois. Com o retorno ao Brasil, em 1969, enfrentou silêncio institucional e proibição de atuação acadêmica; viveu como tradutor e autor de obras inéditas, muitas das quais só vieram à luz postumamente. Sua morte, em 11 de junho de 1987, no Rio de Janeiro, marcou o fim de uma vida dedicada à construção de uma filosofia crítica enraizada na realidade brasileira.

Sua vasta produção intelectual é notável pela profundidade e alcance. Publicou nove livros, sendo sete em vida e dois postumamente, além de artigos científicos, textos literários, introduções, prefácios, notas de aula e um vasto conjunto de traduções. Obras como *Ciência e Existência* (1969), *Sete Lições sobre Educação de Adultos* (1982) e *O Conceito de Tecnologia* (2005) constituem alguns dos mais sofisticados esforços teóricos já produzidos no Brasil para

potência das obras, desenvolvidas por Vieira
Pinto para pensar os problemas e os desafios
contemporâneos

O esquecimento intelectual de Vieira Pinto possui diversas causas que ainda intrigam muito a todos aqueles que se propõem a tarefa de estudar toda a riqueza de seu vasto pensamento e obra. Muitos se questionam como um intelectual dessa magnitude passa despercebido pelos cursos de graduação, pós-graduação e de extensão, tendo tantas contribuições a oferecer em diversas áreas do conhecimento? Qual o porquê de muitos intelectuais do Brasil e da América Latina, pouco ou quase nada se referirem a ele. Qual o motivo desses intelectuais terem relegado a obra e o pensamento de Vieira Pinto ao esquecimento, ao abandono e apagamento de sua existência? Esses questionamentos não são fáceis de responder e se tornam bastante complexos, tendo que se recorrer a diversos tipos de especulações, suposições e hipóteses. Haja visto que grandes intelectuais que foram contemporâneos de Álvaro Vieira Pinto já morreram. É bastante intrigante que intelectuais como Paulo Freire, Darci Ribeiro, Florestan Fernandes, Cels Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Marilena de Chaui, Conceição Tavares e tantos outros intelectuais brasileiros não valorizaram o pensamento e as obras de Álvaro Vieira Pinto, como ele de fato merecia. Por que não falavam dele, não o referenciavam e não elevaram seu pensamento e obra ao patamar que ele merecia?

Nesse artigo, há uma tentativa de responder tais indagações, sabendo de antemão



Nesse artigo, há uma tentativa de responder tais indagações, sabendo de antemão

que algumas dessas questões jamais poderão ser respondidas com grande propriedade. Não obstante, com um profundo resgate da obra e do pensamento de Álvaro Vieira Pinto, ao longo das últimas duas décadas, é possível a elaboração de hipóteses, suposições e até afirmações do porquê do esquecimento e do abandono desse grande filósofo e pensador brasileiro. A primeira suposição, que não se pode negar, é política: o famigerado golpe de 1964 destruiu o Instituto Superior de Estudos Brasileiro, ISEB, perseguiu seus integrantes e censurou sua produção. Como afirma Nildo Ouriques (2001), cuja interrupção violenta do ISEB significou a destruição de um projeto nacional de pensamento, dificultando a preservação de sua obra.

A segunda é institucional. Em que após a redemocratização do país, quase todas as universidades brasileiras passaram por um processo intenso de importação teórica. O eurocentrismo e o Norte americanismo quase a totalidade dos trabalhos acadêmicos, em meio a grande desvalorização dos intelectuais brasileiros, principalmente aqueles que fizeram parte do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Merkle (2020) observa que as referências estrangeiras, especialmente francesas, alemãs e norte-americanas e, também, os chamados pós-estruturalistas, passaram a ser privilegiadas, em detrimento de autores brasileiros, contribuindo para a marginalização de intelectuais como Vieira Pinto, cuja obra exigia um enraizamento na realidade nacional.

A terceira é epistemológica. Vieira Pinto defendia que a consciência crítica nasce da análise concreta das condições objetivas de existência e que o subdesenvolvimento não é um atraso, mas uma relação histórica e dialética de dependência, (Vieira Pinto,

2020). Esse tipo de interpretação, profundamente comprometida com a soberania e com o desenvolvimento nacional, tornou-se pouco compatível com perspectivas acadêmicas que, ao longo das décadas de 1980 e 1990, privilegiavam abordagens fragmentárias ou culturalistas da realidade. Some-se a isso, a ausência ou a presença bastante discreta de Álvaro Vieira Pinto nas referências, debates públicos e consagrações acadêmicas feitas por intelectuais como Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Marilena Chaui, Maria da Conceição Tavares, dentre outros. Isso, não é obra de um acaso, nem pode ser explicada por um único fator. Trata-se de um fenômeno de isolamento histórico, político, institucional e epistemológico de intelectuais comprometidas com uma visão crítica e nacional do desenvolvimento do Brasil, como afirmam Mota (2014) e Ridenti (2010). E como vários intelectuais brasileiros, ligados as Universidades com destaque no país, olhavam com desconfiança e marginalização os intelectuais do antigo ISEB, como aponta (Campos, 2011). Para Diego Campos, a tal historicidade de seus conceitos e o profundo engajamento de Álvaro Vieira Pinto como intelectual comprometido, colocaram-no fora dos cânones estabelecidos, contribuindo para sua invisibilidade de seu pensamento e de sua obra.

Essa postura de Vieira Pinto, profundamente comprometida com o projeto de soberania nacional e com a afirmação do povo como sujeito histórico, com a possibilidade de desenvolver um senso crítico emancipatório, tornou-se pouco compatível com a virada epistemológica que marcou a universidade brasileira entre os anos 1980 e 1990, como argumenta Merkle (2020). Segundo o autor, enquanto Vieira Pinto

operava com uma epistemologia dialética, de caráter totalizante e histórico-estrutural, a universidade passou a privilegiar as perspectivas fragmentárias, culturalistas e de análise microssocial, em consonância com tendências internacionais que desvalorizavam interpretações estruturais da realidade latino-americana e brasileira.

Ouriques (2010) também observa que, após o exílio e a morte de Vieira Pinto, consolidou-se um processo de substituição das grandes teorias críticas por modelos acadêmicos de inspiração pós-moderna, que enfatizavam subjetividade, discursividade e pluralidade analítica, mas que, muitas vezes, deixavam de lado o estudo das relações concretas de dependência econômica, tecnológica e política. Para o autor, a obra de Vieira Pinto tornou-se incômoda para um meio intelectual que buscava afastar-se das categorias de totalidade, contradição e luta social, justamente aquelas que constituíam o núcleo de sua filosofia e de sua densa obra.

Angélica Lovato (2019) destaca que o eclipse de Vieira Pinto se deve também à radicalidade com que ele analisava a tecnologia e a ciência como campos de disputa, recusando a neutralidade do saber científico. Enquanto a academia brasileira dos anos 1990 aderiu fortemente às teorias da sociedade do conhecimento, da globalização e das políticas de inovação de matriz neoliberal, Vieira Pinto, cuja obra sobre tecnologia viria a ser publicada postumamente em 2005, defendia que a técnica é “uma objetivação social do trabalho humano” (Vieira Pinto, 2005), e que seu controle pelos países ditos centrais constitui um dos mecanismos mais poderosos de reprodução do subdesenvolvimento.

Silveira (2024), ao examinar a recepção contemporânea do filósofo, argumenta que “Vieira Pinto é um desconhecido singu-

lar nas universidades brasileiras”, em grande parte porque sua epistemologia exige não apenas uma interpretação, mas posicionamento político diante da realidade. Silveira e Fáveri sustentam que o afastamento acadêmico de Vieira Pinto não decorre de insuficiências teóricas, mas do fato de que sua obra “impõe ao intelectual a tarefa de compreender o país para transformá-lo” (Fáveri, 2021), tarefa que muitas correntes teóricas posteriores buscaram relativizar ou deslocar. Assim, o abandono de Vieira Pinto não pode ser explicado apenas pelo impacto da ditadura, embora esta tenha sido determinante, mas também, pela reorganização epistemológica do campo intelectual após 1985. O deslocamento das teorias críticas para abordagens fragmentárias, culturalistas e pós-estruturalistas contribuiu para que a filosofia de Vieira Pinto, fundada na análise concreta das condições materiais do país, fosse marginalizada. Esse abandono teve consequências profundas: empobreceu a reflexão sobre desenvolvimento nacional, enfraqueceu a crítica da dependência tecnológica e reduziu a capacidade da universidade de formar consciência crítica, como advertiam Merkle (2020) e Ouriques (2010). A perda epistemológica é, portanto, substantiva. Abandonar Vieira Pinto significa abandonar uma das mais robustas formulações brasileiras sobre ciência, técnica, soberania e consciência social, educação e emancipação; elementos essencialmente necessários para compreender os desafios da atualidade.

A quarta questão é editorial. Como muitos de seus livros permaneceram inéditos ou esgotados durante décadas, gerações inteiras não tiveram acesso à sua obra. Lovato (2021) destaca que a ausência de reedições sistemáticas contribuiu “para a formação de um vazio interpretativo sobre o pensamento

educacional brasileiro”; sendo Vieira Pinto um dos prejudicados com essa falta de publicação de suas obras. Outros pesquisadores contemporâneos também reforçam essa interpretação. Fávero (2014), por exemplo, ao estudar o processo de recuperação da obra de Vieira Pinto, afirma que o desaparecimento editorial de livros fundamentais, como *Consciência e Realidade Nacional* e *Sete Lições sobre Educação de Adultos* criou uma espécie de “descontinuidade geracional”, então, impossibilitando que muitos jovens intelectuais pudessem formar-se em diálogo com o pensamento de Vieira Pinto. Para Fávero, a obra de Álvaro Vieira Pinto “não pôde produzir tradições de leitura, porque simplesmente não estava disponível”, reforçando o quadro de invisibilidade.

A quinta é de cunho biográfico. Vieira Pinto viveu longos períodos afastado das universidades, impedido de discutir sua obra, o que dificultou a formação de discípulos e linhas de pesquisa que perpetuassem o seu legado. Conforme recorda José Ernesto Fávero (2012), Vieira Pinto passou quase duas décadas isolado em seu apartamento no Rio de Janeiro, sobrevivendo basicamente da tradução de obras científicas e filosóficas, o que lhe garantiu renda mínima e, ao mesmo tempo, lhe permitiu continuar exercitando o pensamento, ainda que fora do ambiente acadêmico. Fávero observa que esse período prolongado de reclusão “produziu rupturas irreparáveis com o sistema universitário brasileiro”, pois impediu que o filósofo formasse discípulos, grupos de pesquisa, escolas de pensamento ou redes institucionais, elementos essenciais para a consolidação de seu pensamento no meio acadêmico.

Desse modo, o abandono, o apagamento e todo esse esquecimento intelectual

de Álvaro Vieira Pinto, não pode ser compreendido, de fato, sem considerar o período de exílio interno que sofreu após o golpe militar de 1964, em que ele retorna para o Brasil em 1969. Pois, diferentemente de muitos intelectuais que ficaram no exílio até a anistia de 1979, com maior visibilidade e divulgando suas obras como Paulo Freire, Vieira Pinto, havia retornado ao Brasil 10 anos, mas foi colocado sob vigilância, impedido de atuar em universidades e de circular em espaços públicos de produção intelectual. Como destacam os estudiosos da história do ISEB, sua punição teve caráter profundamente simbólico: tratava-se de silenciar um dos principais formuladores do pensamento crítico e do projeto nacional-desenvolvimentista brasileiro.

CONTRIBUIÇÕES DE VIEIRA PINTO PARA A EDUCAÇÃO

A contribuição de Álvaro Vieira Pinto para a educação é ampla, profunda e ainda pouco difundida nas graduações e no meio acadêmico. Na obra *Consciência e Realidade Nacional*, ele desenvolve uma teoria da formação da consciência, em que ele articula os conceitos categóricos da formação da consciência ingênua, consciência crítica, alienação, dependência, técnica, ciência, trabalho, emancipação e soberania. Para ele, “a educação é o processo pelo qual o povo toma posse de sua própria realidade” (Vieira Pinto, 2005). Essa concepção coloca a educação não como mera instrução, mas como instrumento de emancipação individual e principalmente coletiva.

A reflexão educacional de Álvaro Vieira Pinto, assim, ocupa um lugar singular na história do pensamento pedagógico brasileiro por articular, de modo sistemático, uma

epistemologia crítica do conhecimento, uma ontologia histórica da consciência e uma teoria da educação vinculada ao projeto de soberania nacional. Diferentemente de outras abordagens pedagógicas que são centradas exclusivamente em métodos de ensino ou em dimensões psicológicas de ensino e aprendizagem, Vieira Pinto concebe a educação como momento constitutivo da práxis histórica das massas, inseparável das condições materiais de existência e das relações de dependência que estruturam o capitalismo periférico.

Em sua obra, um tomo em 2 volumes: *Consciência e Realidade Nacional* (2020), Vieira Pinto faz sua análise e parte do pressuposto de que a consciência não é um atributo apenas inato do indivíduo, mas um processo socialmente produzido. A distinção entre consciência ingênua e consciência crítica não se refere só a níveis de escolaridade ou a capacidades cognitivas individuais, mas a formas históricas de apreensão da realidade. A consciência ingênua tende a naturalizar o mundo social, percebendo a desigualdade, o subdesenvolvimento e a dominação como fatos inevitáveis; a alienação, um processo pensando pelas elites subalternas aos países desenvolvidos; já a formação da consciência crítica emerge quando há um processo educacional, em que os indivíduos tendem a se reconhecer como sujeitos e protagonistas do processo de transformação social; bem como do caráter que se dá no processo histórico, contraditório e transformável dessas condições (Vieira Pinto, 2020). Nesse sentido, a educação é compreendida como prática social que pode tanto reproduzir a alienação quanto promover a emancipação.

Esse olhar de Vieira Pinto se diferencia da tradição epistemológica da educação, pois para ele, o conhecimento não é algo

que se transfere verticalmente de quem sabe para quem não sabe, mas resulta da apropriação crítica da realidade vivida, mediada pelo trabalho, pela linguagem e pela ação coletiva. A função da educação não é adaptar o indivíduo ao mundo tal como ele é, mas possibilitar a compreensão das determinações estruturais desse mundo, abrindo caminho para sua transformação. Essa perspectiva filosófica e epistemológica de Álvaro Vieira Pinto apresenta importantes convergências e diferenças com o pensamento de Paulo Freire. Ambos compartilham a crítica à educação bancária, a defesa da educação como prática da liberdade e a centralidade da consciência crítica no processo educativo. Vieira Pinto, assim como Paulo Freire e tantos outros estudiosos da educação, queriam um educador comprometido com a emancipação social. Lays Regina Santos, em seus estudos, aponta para a importância do Professor.

Quando refletimos sobre nossas práticas pedagógicas, percebemos que elas têm contribuído para porcentagem da pesquisa ou tem feito a diferença em influenciar a vontade de formação de futuros/as docentes? Claro que o/as professor/as, sozinhos, não irão mudar o mundo, porém, temos a capacidade de empreender esforços para que outros desejem fazer a diferença na formação de sujeitos pensantes, críticos e autônomos, capazes de lutar por uma sociedade justa e igualitária.

Freire (1987) enfatiza essa dimensão pedagógica do diálogo e da construção da consciência que visa formar sujeitos pensantes e críticos por meio da problematização da experiência cotidiana, Vieira Pinto aprofunda esse debate em um plano ontológico e histórico-estrutural. Em Freire, a conscientização é sobretudo um processo pedagógico-político, que emerge da interação dialógica e da leitura crítica do mundo, conforme ele explicita ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987). Já em Vieira Pinto, a formação da consciência crítica é, então, compreendida como um processo ontológico, intrinsecamente vinculado à inserção concreta das massas na totalidade das relações sociais de produção. Para ele, a consciência não é somente uma entidade psicológica ou moral, mas “a forma pela qual o ser humano capta e internaliza sua posição objetiva no mundo” (Vieira Pinto, 2020).

Nesse sentido, pode-se afirmar que Álvaro Vieira Pinto fornece os fundamentos filosóficos para a educação latino-americana e principalmente brasileiro, enquanto Paulo Freire constrói, a partir desses fundamentos de Vieira Pinto, sua mediação pedagógica concreta. Paulo Freire, contemporâneo de Vieira Pinto, ao qual ele chamava de “meu mestre”, conforme aponta Gadotti (1993), atua, principalmente, no campo pedagógico e metodológico, ao passo que Álvaro Vieira Pinto se move no campo da epistemologia e da ontologia do conhecimento social; bem como nas relações dialéticas que buscam analisar a realidade para transformá-la.

A comparação com Dermeval Saviani também revela aproximações e tensões fecundas. Saviani, ao buscar formular a pe-

dagogia histórico-crítica, parte do materialismo histórico-dialético para afirmar que a educação é uma mediação no interior da prática social global. Para ele, a escola tem a função de socializar o conhecimento sistematizado historicamente produzido pela humanidade, condição necessária para a emancipação das classes subalternas (Saviani, 2021). Vieira Pinto, entretanto, se preocupa não apenas com a transmissão do saber elaborado, mas com a produção autônoma do conhecimento em uma formação social dependente. Enquanto Saviani se debruça sobre o papel da escola no interior da luta de classes, Álvaro Vieira Pinto refletia a problemática da dependência nacional, da soberania científica e da alienação epistemológica. Para ele, não bastava só democratizar o acesso ao conhecimento universal; é preciso questionar as condições históricas em que esse conhecimento é produzido e apropriado, sob pena de a educação se tornar um instrumento de reprodução da dependência cultural e da alienação social e tecnológica (Vieira Pinto, 2005).

Outros estudiosos da educação brasileira dialogam, direta ou indiretamente, com essas questões. Anísio Teixeira (1961), por exemplo, defendia a escola pública como instrumento de democratização e desenvolvimento nacional, mas permanecia ligado a uma matriz liberal-pragmatista que não enfrentava de modo radical as determinações estruturais da dependência. Já Florestan Fernandes, embora não tenha se dedicado sistematicamente à pedagogia, contribuiu decisivamente para compreender a educação como parte das contradições do capitalismo dependente, perspectiva que converge com a análise histórico-estrutural de Álvaro Vieira Pinto, ainda que partindo da sociologia (Fernandes, 1977).

A originalidade de Álvaro Vieira Pinto reside, portanto, em sua capacidade de articular o homem, a existência, técnica, cultura, educação, trabalho, amaterialidade, tecnologia e ciência como dimensões de um mesmo processo histórico de emancipação e construção da consciência crítica. Ao compreender a técnica como expressão da práxis humana e não como mero instrumento neutro, ele antecipa debates contemporâneos sobre a relação entre educação, técnica, inovação e soberania. Uma educação que ignora a questão científica e tecnológica, afirma ele, condena o país à condição permanente de consumidor de saberes produzidos por outras nações, reforçando: dependência, alienação e subdesenvolvimento (Vieira Pinto, 2005).

Apesar de sua profundidade teórica e de sua relevância para a compreensão dos desafios educacionais latinos e brasileiros; apesar do resgate desse grande pensador, pós início do século XXI; apesar do esforço intelectual de muitos estudos da atualidade como pesquisas, livros e artigos de vários estudiosos de Vieira Pinto: Amboni (2023), Dantas (2024), Gonzatto e Merkle (2019), Fáveri (2021), Lourenço (2025), Lovato (2021) Ouriques (2010), Saviani (2021), Silveira (2024), e tantos outros estudiosos que têm se dedicado, durante essas primeiras duas décadas do século XXI a investigar, estudar e refletir toda a obra e o pensamento de Álvaro Vieira Pinto; ainda assim, como apontam Fáveri, Lovato, Ouriques e Silveira, Vieira Pinto continua como um ilustre desconhecido em seu próprio país e em grande parte dos cursos universitários.

Considerações finais

As análises e reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo permitem afirmar que o esquecimento intelectual de Álvaro Vieira Pinto não é fruto de contingências fortuitas nem de simples desinteresse, mas resulta de um complexo entrelaçamento de muitos fatores, históricos, políticos, institucionais, epistemológicos, editoriais e biográficos que permearam o Brasil desde o golpe de 1964 até as décadas posteriores à redemocratização do país. O apagamento e esquecimento de sua obra, como demonstraram Saviani (2013), Fáveri (2019; 2021), Lovato (2021), Ouriques (2010), Amboni (2018; 2023) e Silveira (2024), dentre outros que estudam a obra de Álvaro Vieira Pinto na atualidade, expressa um processo bem mais profundo. A sistemática marginalização de projetos intelectuais comprometidos com a emancipação e soberania nacional, com a crítica da dependência, com a centralidade da técnica e da ciência no desenvolvimento autônomo e, sobretudo, com a formação de uma consciência crítica capaz de sustentar um projeto de emancipação para o povo brasileiro, como propunha Álvaro Vieira Pinto e outros intelectuais isebianos, sofreram, e de certo modo, ainda sofrem um esquecimento que vai se intensificando cada vez mais, nos cursos universitários e na história brasileira.

O percurso aqui apresentado mostra que o silenciamento de Vieira Pinto começa com a destruição violenta do famoso Instituto Superior de Estudos Superiores (ISEB), instituição cuja existência sintetizava o esforço de produzir um pensamento nacional crítico, historicamente situado e comprometido com a superação do subdesenvolvimento e a busca por emancipação do povo brasileiro. O golpe de 1964 não cassou somente os intelectuais daquela época, cas-

sou um horizonte de país. Como afirma Ouriques (2001), a desarticulação do ISEB representou uma ação deliberada de interromper a possibilidade de uma produção da ciência e de uma filosofia brasileira, dotadas de densidade teórica e responsabilidade histórica. Na trajetória de Vieira Pinto, esse processo assumiu a forma concreta do exílio externo e, sobretudo, do exílio interno, em que ficou enclausurado até sua morte, em seu apartamento no Rio de Janeiro. Um período prolongado em que ele ao retornar ao Brasil em 1969, fora proibido de lecionar, de participar da vida acadêmica, de circular nos espaços de debate intelectual, relegado à condição de tradutor para sobreviver. Como demonstra Fávero (2012), esse isolamento forçado impediu a formação de leitores estudiosos de sua obra, no período do regime militar e nas décadas de 1980 e 1990. Somente a partir dos anos 2000, Álvaro Vieira Pinto foi sendo redescoberto e sendo reestudado, em grande parte pelo esforço de muitos intelectuais comprometidos com o desenvolvimento da consciência crítica e com a emancipação nacional. César Benjamin (2024), editor da Contraponto e um dos grandes responsáveis por editar e divulgar as obras de Vieira Pinto, tendo publicado, em 2005, um tomo inédito de Álvaro Vieira Pinto, *O Conceito de Tecnologia*. Benjamin aponta que a grande publicação de *O Conceito de Tecnologia* de Álvaro Vieira Pinto foi fundamental para resgatar a obra desse “gigante do pensamento nacional e universal”. Ele destaca que graças ao manuscrito datilografado por Vieira Pinto e preservado pela família, leitores contemporâneos podem finalmente ter acesso a esse ensaio original, que ousou questionar concepções dominantes sobre técnica, ciência e dependência em países periféricos.

Com a redemocratização do país, a partir de 1985, a universidade brasileira já se encontrava submetida a uma forte dependência teórica externa, marcada pela hegemonia de perspectivas europeias e norte-americanas que, mesmo relevantes, passaram a ocupar o lugar exclusivo de referência das pesquisas, como observa Merkle (2020). Nesse novo regime epistemológico, fragmentário, culturalista e, em muitos casos, avesso às análises histórico-estruturais, a obra de Álvaro Vieira Pinto tornou-se extemporânea, pois exigia não apenas uma interpretação aprofundada, mas posicionamento político: compreender o Brasil como totalidade contraditória, reconhecer a dependência como estrutura histórica, afirmar a técnica como instrumento de emancipação social e assumir a tarefa de produzir um pensamento crítico e comprometido com toda a realidade nacional. Como argumenta Silveira (2024), essa exigência tornou Vieira Pinto um pensador incômodo, sobretudo em um momento em que a universidade buscava alinhar-se às tendências internacionalizantes que frequentemente despolitizavam o estudo da realidade brasileira.

O esquecimento, assim, também possui causas editoriais. O desaparecimento de suas obras centrais, muitas delas esgotadas ou permanecendo inéditas por décadas, criou gerações inteiras de brasileiros que não puderam conhecer *Consciência e Realidade Nacional*, *Ciência e Existência* ou *O Conceito de Tecnologia*. Como demonstra Lovato (2021), esse hiato editorial produziu um “vazio interpretativo” no campo educacional e filosófico, impedindo que os conceitos e as categorias formuladas por Álvaro Vieira Pinto como: consciência ingênua, alienação, consciência crítica, dependência, soberania, subdesenvolvimento, emancipa-

ção, técnica, trabalho, cultura, educação e nacionalidade fossem incorporadas de maneira orgânica ao pensamento brasileiro. O resultado foi a descontinuidade geracional apontada por Fávero (2014): uma obra que não circula não produz tradição, não forma leitores, não funda escolas, não gera debates. José Ernesto Fáveri tem sido um dos grandes entusiastas da obra de Vieira Pinto, conseguindo através de um grande esforço, publicar um inédito de Álvaro Vieira Pinto, *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos*, em 2008.

Mesmo que muitas universidades não procurem divulgar a obra de Álvaro Vieira Pinto, há um grande esforço de muitos estudiosos por divulgar o pensamento e as obras de Vieira Pinto, em que muitos desses estudiosos continuam procurando obras inéditas para publicação do grande Filósofo de século XX. Entretanto, o abandono de Vieira Pinto em muitos cursos universitários brasileiros, representa uma perda epistemológica enorme para as futuras gerações. Sua densa concepção de consciência, articulada à ontologia do trabalho, às condições materiais de vida real e o caráter histórico das relações sociais, constitui um dos esforços mais densos já realizados na América Latina, em especial, no Brasil, para compreender a formação do sujeito e da consciência, em sociedades marcadas pela dependência. Sua reflexão sobre técnica e tecnologia, muito anterior às discussões contemporâneas, identifica que o domínio científico-tecnológico não é neutro, mas uma das dimensões centrais da luta pela soberania. Essa ideia, hoje amplamente reconhecida, mas raramente creditada ao filósofo Vieira Pinto, que formulou com maior profundidade. Nesse sentido, a advertência de Vieira Pinto, segundo a qual “a técnica é uma objetivação social do

ser humano” e que seu controle pelos países centrais aprofunda a dependência dos países periféricos, (Vieira Pinto), revela-se hoje ainda mais atual, em meio aos debates sobre colonialidade tecnológica, inteligência artificial, inovação e geopolítica da ciência e em muitas outras áreas do conhecimento.

No campo da educação, a ausência de Vieira Pinto produziu efeitos igualmente graves. Sua teoria da consciência, sua crítica à alienação e sua defesa da educação como processo de apropriação da realidade pelo povo não apenas anteciparam debates que se tornariam centrais nos anos seguintes, como também forneceram e ainda fornecem um dos fundamentos ontológicos e epistemológicos para uma pedagogia crítica brasileira, fundamento que, ao cair em grande esquecimento, deixou incompleta a construção do campo educacional formal e popular. Não se trata de afirmar que outros autores, como Paulo Freire, Saviani ou Florestan Fernandes, não tenham contribuído decisivamente para esse processo; pelo contrário: o diálogo entre suas obras e as formulações de Vieira Pinto poderia ter enriquecido ainda mais a tradição crítica nacional. Mas o silenciamento do filósofo impediu que essa interlocução se realizasse plenamente e privou todo um país da possibilidade de um desenvolvimento integrado entre filosofia, educação, tecnologia, ciência e cultura para superação da alienação e o desenvolvimento crítico emancipatório.

Diante de tudo isso, torna-se evidente que resgatar Álvaro Vieira Pinto não é um exercício de nostalgia intelectual, mas uma necessidade histórica. Em um momento em que o Brasil enfrenta profundas desigualdades sociais, fragilidade de consciência crítica, dependência tecnológica crescente, ameaças à soberania nacional e crise estrutural da

educação; sua obra oferece categorias preciosas para compreender e enfrentar os desafios contemporâneos. O esforço de reedição de suas obras, de pesquisas acadêmicas recentes, de grupos como a Rede AVP (Gonzatto, Merkle, 2019) e de pesquisadores como Amboni (2023), Dantas (2024) Fáveri (2021, Ouriques (2010, Lovato (2021, Silveira (2023, Lourenço (2025), dentre tantos outros estudiosos, sinaliza esperança de que as obras e o denso pensamento de Vieira Pinto se tornem mais conhecidos e estudados.

REFERÊNCIAS

- AMBONI, Vanderlei. Consciência e tecnologia em Vieira Pinto. Florianópolis: UFSC, 2016.
- AMBONI, Vanderley. Cultura escolar nos estudos de Álvaro Vieira Pinto. *Revista Tecnologia e Sociedade*, 2023. <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/15857>
- AMBONI, Vanderley. Concepção de Homem, Trabalho, Cultura e Educação em Álvaro Vieira Pinto. file:///C:/Users/adaol/Downloads/12_FC_8674005_Amboni.pdf, *Revista Histedbr.*. Campinas – SP, 2024.
- BENJAMIN, César. “Álvaro Vieira Pinto: entre cancelamentos e problemas filosóficos da pesquisa científica.” *Gazeta do Povo*, 2024
- BRANDÃO, Zaia. A dialética macro/micro na sociologia da educação. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.
- CAMPOS, Diego de Moraes. A filosofia e a trajetória de Álvaro Vieira Pinto no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB): 1956-1964. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Goiás, 2011
- DANTAS, Marcos. Ideologia da Tecnologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- DANTAS, Marcos e SILVEIRA, Dauto da. Curso Álvaro Vieira Pinto: Pensador do Brasil. *Colegio Brasileiro de Autos Estudos – UFRJ*, 2024.
- <https://cbae.ufrj.br/2025/03/10/curso-alvaro-vieira-pinto-pensador-do-brasil/>
- DA SILVA, Carlos Hugo Honorato. Possibilidade na Existência em Kierkegaard: uma crítica à Ciência da Lógica de Hegel. Dissertação de Mestrado de Filosofia. Universidade Federal da Paraíba. 2009, 133f. Disponível em:
- <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5675>. Acesso: 2 out de 2023.
- FÁVERI, José Ernesto de. O legado de Álvaro Vieira Pinto na voz de seus contemporâneos. São Paulo: LiberArs, 2012.
- FÁVERI, José Ernesto de. Álvaro Vieira Pinto: contribuições à educação libertadora de Paulo Freire. São Paulo, LiberArs, 2014.
- FÁVERI, José Ernesto de. O Conceito de Desenvolvimento Nacional, a partir do Pensamento de Álvaro Viera Pinto, 2019. *Revista Profanações* (ISSNe – 2358-6125), Ano 6, n. esp., p. 27-69, nov. 2019. Universidade do Contestado.
- FÁVERI, José Ernesto de. As Categorias Filosóficas para o Desenvolvimento Nacionalista a partir das Obras de Álvaro Vieira Pinto,
- <https://www.sindilex.org.br/wp-content/uploads/2021>.
- FERNANDES, Florestan. Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- FREITAS, Marcos Cezar. Educação brasileira e pensamento social crítico. São Paulo: Cortez, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.

GONZATTO, Rodrigo; MERKLE, Luiz Ernesto. *Tecnologias e emancipação: leituras viespintianas*. Curitiba: UFPR, 2019.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

LOURENÇO, Adão. *Análise Categorias de Vieira Pinto para a Educação e o Desenvolvimento Nacional. A Educação enquanto fenômeno social: Ciência, cultura e políticas públicas* 5, 2025. Atena Editora. registrado com ISBN 978-65-258-3294-4 e DOI <https://doi.org/10.22533/at.ed.944152506052>

LOURENÇO, Adão. *A Educação como Processo de Alienação ou de Libertação. A Educação enquanto fenômeno social: Ciência, cultura e políticas públicas* 4. 2025. Atena Editora. registrado com ISBN 978-65-258-3313-2 e DOI <https://doi.org/10.22533/at.ed.1321425220410>

LOURENÇO, Adão. *O Conceito de Emancipação na Obra de Álvaro Vieira Pinto e Paulo Freire. Desafios da Educação na Contemporaneidade - Vol. 19* 163 13 DOI: 10.47573/aya.5379.2.421.13. AYA Editora© 2025.

<https://ayaeditora.com.br/livros/L816.pdf>.

LOVATO, Angélica. *Vieira Pinto e a crítica da racionalidade tecnológica*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2019.

LOVATO, Angélica. *Pedagogia da consciência crítica: Vieira Pinto e a formação emancipadora*. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro I. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011

MERKLE, Luiz Ernesto. *Epistemologias do Sul e o pensamento de Vieira Pinto*. Curitiba: Editora CRV, 2020.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2014.

OURIQUES, Nildo. *Subdesenvolvimento e Dependência: Leituras de Vieira Pinto*. Florianópolis: Insular, 2001.

OURIQUES, Nildo. *A atualidade de Álvaro Vieira Pinto*. Florianópolis: Insular, 2010.

REDE Álvaro Vieira Pinto. *Divulgação e pesquisa sobre pensamento, vida e obra do filósofo brasileiro Álvaro Borges Vieira Pinto*. <https://alvarovieirapinto.org/> 2025

Portal mantido por Rodrigo Freese Gonzatto e Luiz Ernesto Merkle, do grupo de pesquisa Xuê do PPGTE da UTFPR.

RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2010.

SAVIANI, Dermeval. "Vieira Pinto e a ontologia da educação". In: *Ensaio sobre filosofia da educação*. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica revisitada*. Campinas: Autores Associados, 2021.

SANTOS, Lays Regina B. de M. Marins. *Histórias: "Porque no Ensino os Professores são tudo!" Parahyba do Norte 1835-1885*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Stricto Sensu), do Centro de Educação - CE, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2020

SILVA, Silvano Silvero da. No Olho do Furação: Um Olhar sobre o Professor de Sociologia no Contexto do Planalto Norte Catarinense. Tese de Mestrado, 2023. Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR.

https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/740847/2/UFPR_Silvano%20Silvero%20da%20Silva_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

SILVEIRA, Dauto João da. Crítica ao Vale de Lágrimas: Reflexões sobre Álvaro Vieira Pinto. Eduepb, Campina Grande – PB, 2024.

VIEIRA PINTO, Álvaro. O conceito de tecnologia. 2 v. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

TEIXEIRA, Anísio. Educação e desenvolvimento. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1961.

TOLEDO, Caio Navaro. ISEB: fábrica de ideologias. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1997.